

# Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

**Fevereiro 2026**

## Índice

DESTAQUES .....	3
1. Evolução das Condições Meteorológicas e sua Influência na Agricultura .....	4
2. Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas; variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado .....	7
3. Pomares de citrinos: estado vegetativo; produção, quanto aos aspetos de qualidade e quantidade..	7
5. Alimentação Pecuária.....	9
6. Abeberamento Animal .....	10





## DESTAQUES

- A chuva persistente provocou a saturação dos solos, com impactos significativos no desenvolvimento das pastagens permanentes e das culturas forrageiras anuais em várias regiões;
- Prevê-se uma redução muito acentuada da área semeada com cereais de outono/inverno para grão e cereais praganosos;
- As podas de inverno das fruteiras, também, foram bastante limitadas pelas condições do tempo;
- A plantação da batata está atrasada.

## 1. Evolução das Condições Meteorológicas e sua Influência na Agricultura

### Norte

No seguimento das condições meteorológicas dos meses anteriores, fevereiro trouxe consigo muita chuva, particularmente durante a primeira quinzena.

A precipitação intensa contribuiu para o encharcamento dos terrenos, com deslizamento de terras e derrube de muros e taludes, um pouco por toda a região Norte. Os rios extravasaram as suas margens, alagando as parcelas adjacentes e atrasando o desenvolvimento de diversas culturas, de onde se destacam os cereais praganosos, as culturas forrageiras e as pastagens.

Em resultado destas condições, a maioria dos trabalhos de campo, como podas, controlo de infestantes, aplicação de fungicidas, adubações, correções de solo, sementeiras/plantações, entre outras, ficou atrasada, com os produtores a aproveitar a melhoria das condições atmosféricas sentida na última quinzena para tentar recuperar o tempo perdido, concentrando esforços para realizar as tarefas antes do início do desenvolvimento vegetativo das culturas permanentes.

Ainda que um pouco atrasada em relação aos anos anteriores, em fevereiro iniciou-se a floração das amendoeiras um pouco por toda a região, juntamente com as ameixeiras e pessegueiros. Prevê-se que durante o mês de março sejam as cerejeiras a florir, uma vez que os seus botões florais já estão inchados e prontos a abrir.

### Centro

O estado do tempo no mês de fevereiro foi marcado pela continuação de fenómenos meteorológicos extremos que já vinha do mês anterior, os quais, conjugados, afetaram sobremaneira a agricultura na região Centro. O destaque vai para a tempestade **Kristin** ocorrida ainda nos últimos dias de janeiro e que deixou um rasto de destruição por toda a região. Durante o mês de fevereiro, assistiu-se à passagem sucessiva de mais quatro tempestades que justificaram avisos laranjas por parte do IPMA, devido à intensa precipitação e ventos fortes associados. Entre os dias 4 a 7 de fevereiro, surgiu a tempestade **Leonardo**, a tempestade **Marta** (dias 7 a 10), a tempestade **Nils** (dias 11 a 13) e, nos dias 13 a 15 a tempestade **Oriana**.

Nomeadamente, em várias zonas do Baixo Mondego houve muitas áreas inundadas, afetando principalmente os concelhos de Coimbra, Montemor-o-Velho e Soure. A saturação dos solos dificultou operações essenciais como a colheita de milho-grão, mobilizações, sementeiras e fertilizações, enquanto a humidade persistente favoreceu o aparecimento e disseminação de doenças fúngicas em culturas como vinha, olival, hortícolas e pequenos frutos. Os cereais de inverno evidenciaram atrasos no desenvolvimento vegetativo devido ao frio, à baixa radiação solar e ao encharcamento prolongado. Nos



pomares, o vento forte e o excesso de água no solo provocaram danos em flores, gomos e sistemas radiculares. As infraestruturas agrícolas também sofreram impactos significativos. Estufas, vedações, sistemas de rega e armazéns foram afetados pelas rajadas intensas e pela permanência da água nos terrenos, agravando os constrangimentos já sentidos pelos produtores ao longo do mês.

### **Lisboa e Vale do Tejo**

O mês caracterizou-se por precipitação intensa e persistente, em especial na primeira quinzena, com valores de precipitação muito superiores ao normal para a época. Na segunda quinzena ocorreu precipitação apenas em alguns dias e em quantidade reduzida.

As condições meteorológicas adversas causaram elevados prejuízos no setor agrícola, nomeadamente estruturas danificadas, perda de culturas e atraso nas operações agrícolas próprias da época. O excesso de água provocou, ainda, instabilidade na estrutura dos solos.

Quanto à influência do tempo nas culturas, em fevereiro mantiveram-se igualmente ao mês anterior, condições meteorológicas adversas para a instalação das culturas de outono-inverno. Nas zonas mais baixas, muitos terrenos ficaram submersos causando perdas elevadas nas áreas de produção instalada e atraso nas operações agrícolas.

No Oeste, os pomares de pomóideas, nomeadamente os pomares de macieiras, o encharcamento prolongado poderá provocar abortamento floral e queda de flor. As podas estavam muito atrasadas e encontravam-se ainda a ser realizadas, podendo tal situação interferir no desenvolvimento fenológico das culturas (pereiras e macieiras). Nos pomares de pera Rocha, algumas árvores encontravam-se já em abrolhamento, evidenciando o desenvolvimento de gomos vegetativos.

As oliveiras encontravam-se em fase de repouso vegetativo e estiveram ao longo do mês sujeitas a baixas temperaturas e forte precipitação, sob condições de saturação hídrica dos solos e por vezes excesso de água ou inundação.

As sementeiras de cereais praganosos durante o mês não foram realizadas, sem evolução de áreas desde novembro. Em março poderá ainda ser instalada alguma área de cevada se as condições do tempo permitirem.

As pastagens e as culturas forrageiras anuais apresentavam pouco desenvolvimento e sinais de asfixia radicular devido à saturação de água nos solos, limitando o pastoreio e impedindo os cortes habituais.

Nos citrinos, designadamente na laranja, a chuva intensa e o vento forte que se verificou na primeira quinzena, provocaram muita queda de frutos.

As novas sementeiras de batata, que começaram em janeiro, em pequena quantidade, devido ao encharcamento dos solos, perderam-se por apodrecimento. Na segunda semana do mês de fevereiro,



as sementeiras prosseguiram, prevendo-se que continuem durante o mês de março. No entanto, espera-se uma área mais reduzida em comparação com o ano anterior.

### **Alentejo**

O mês de fevereiro registou valores de precipitação muito superiores aos normais para a região, condicionando de forma significativa o desenvolvimento vegetativo das culturas arvenses, nomeadamente searas, pastagens permanentes e culturas forrageiras.

As condições meteorológicas adversas, verificadas ao longo mês especialmente nas três primeiras semanas inviabilizaram a execução atempada das operações culturais essenciais, como as adubações de cobertura e o controlo de infestantes. De um modo geral, as searas apresentavam fraco vigor vegetativo e sintomas de stress fisiológico.

A precipitação excessiva provocou um encharcamento prolongado dos solos, originando défice de oxigenação na zona radicular, com ocorrência de fenómenos de asfixia radicular e uma evolução vegetativa desfavorável das culturas.

No setor pecuário, durante o mês de fevereiro, as disponibilidades forrageiras provenientes do pastoreio direto foram insuficientes para satisfazer as necessidades alimentares da maioria das espécies exploradas. O reduzido desenvolvimento do coberto herbáceo, associado ao encharcamento dos solos, obrigou ao recurso a alimentos grosseiros e concentrados.

### **Algarve**

A precipitação registada foi bastante superior à normal. Os solos das pastagens naturais apresentavam encharcamento tanto no sotavento, como no barlavento, comprometendo grande escala a disponibilidade forrageira.

As sementeiras outono/inverno realizadas no Barlavento estavam comprometidas pela suturação dos solos, não sendo possível a realização de adubação da cobertura, pelo que se perspetivam grandes perdas. No sotavento as chuvas intensas, também, contribuíram para o comprometimento do desenvolvimento das plantas, contudo face às diferentes condições de solo, já foi possível alguma adubação. Prevê-se no próximo relatório avaliar melhor o impacto no desenvolvimento das plantas.

Quanto à colheita dos citrinos estava atrasada, prejudicada pela abundante precipitação ocorrida ao longo do mês e ao excesso de humidade, verificando-se algumas perdas por queda dos frutos e aparecimento de doenças.



## **2. Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas; variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado**

As condições agrometeorológicas observadas durante o mês de fevereiro, marcadas por precipitação elevada e conseqüente saturação hídrica dos solos, não beneficiaram o desenvolvimento das parcelas semeadas e impossibilitaram a realização de algumas sementeiras planeadas. As áreas instaladas com cereais para grão registaram uma redução expressiva face à campanha anterior, com particular incidência nas culturas de aveia, trigo mole, tritcale e cevada.

Assim, prevê-se uma redução das áreas semeadas de cereais praganosos e uma redução do potencial produtivo das culturas, podendo refletir-se numa diminuição muito acentuada dos rendimentos finais da campanha.

## **3. Pomares de citrinos: estado vegetativo; produção, quanto aos aspetos de qualidade e quantidade.**

### **Citrinos**

Entre o Douro e Minho, terminou a colheita das tangerinas e clementinas. As condições climatéricas foram muito desfavoráveis e registou-se nas últimas semanas uma queda acentuada de frutos, provocada pela ação do vento e do Míldio dos Citrinos (*Phytophthora*) ou aguado.

Em Trás-os-Montes, a laranja estava pronta para consumo, com uma produção que poderá chegar até ao mês de abril.

Na região Centro, a produção registou quebras em quantidade e redução da qualidade, sobretudo devido ao encharcamento, à pressão de doenças e aos efeitos diretos da tempestade *Kristin*.

Na região de Lisboa e Vale do Tejo, os pomares de limão encontravam-se no pico da colheita e a decorrer com normalidade. Constatou-se que houve muita queda de frutos, especialmente durante a primeira quinzena, devido ao período de chuva bastante intensa e ao vento forte. À exceção do Médio Tejo, onde se perspectiva uma produtividade ligeiramente superior à campanha, a restante região da LVT estimava-se uma produtividade bastante baixa. Em relação, aos pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall) instalados em solos bem drenados, não se ressentiram do excesso de chuva e recuperam face ao mês anterior, apresentando um bom aspeto vegetativo.



No Alentejo, nos pomares de citrinos, os indicadores de produtividade situam-se dentro dos parâmetros médios de referência.

Na região do Algarve, devido às condições climáticas adversas as colheitas dos citrinos tiveram de ser interrompidas. Perspetiva-se o seu retorno no decorrer do mês de março, caso haja as condições o permitam.

Na região do Algarve, as condições meteorológicas têm trazido prejuízos para os citrinos. A precipitação ocorrida impediu a colheita de uma forma regular e generalizada, pelo que no próximo mês será mais bem avaliada a produção.

### **Olival**

**Os olivais entraram em repouso vegetativo e os agricultores iniciaram às podas, embora com bastante dificuldade devido à precipitação frequente. Com o vento forte causado pela passagem da depressão *Kristin* verificou-se alguma queda de oliveiras, nomeadamente na região Centro e no Oeste.**

### **Norte**

Na sub-região Entre Douro e Minho, a qualidade do azeite produzido foi boa e o rendimento foi superior ao normal.

Na região transmontana, a campanha da apanha de azeitona para azeite terminou na primeira quinzena de janeiro, tendo decorrido sem percalços. Confirmam-se as quebras de produção previstas nos relatórios anteriores.

### **Centro**

Na região Centro a produtividade foi bastante heterogénea, registando-se melhores rendimentos nas zonas do litoral e de transição, e piores rendimentos nas zonas do interior.

No geral, a qualidade da azeitona para azeite foi superior ao ano anterior e, por conseguinte, o azeite produzido foi de boa qualidade.

Neste momento, a cultura encontra-se a iniciar o seu ciclo anual, sendo já visíveis os novos brotos. Tal como referido no último relatório, a passagem da depressão *Kristin* arrancou milhares de oliveiras. Os agricultores – dentro das suas possibilidades – tentam replantar parte das árvores caídas, optando por podas severas para equilibrar a planta, face à perda de raizame.

### **Lisboa e Vale do Tejo**

A campanha em termos quantitativos foi significativamente superior à do ano anterior, com produtividades médias mais elevadas especialmente nos olivais tradicionais e/ou centenários que caracterizam a região, sendo os principais responsáveis por esse aumento. Os novos olivais tradicionais



de sequeiro com maior densidade de oliveiras, também registaram uma maior produtividade, embora não tão expressiva. A qualidade do azeite foi muito boa.

Nomeadamente no Oeste, em termos globais, a produção de azeite foi menor relativamente à campanha anterior, refletindo em algumas situações um ano de contrassafra, mas também o efeito de condições climatéricas adversas, designadamente as elevadas temperaturas ocorridas durante os meses de verão e a ausência prolongada de precipitação até ao outono, a que se seguiram níveis elevados de precipitação no decurso da colheita. De um modo geral, também o azeite foi de elevada qualidade.

### **Alentejo**

Na presente campanha verificou-se se uma redução da produção de azeitona na ordem dos 10% face à campanha anterior, apesar do acréscimo da área em produção. A contração da produção global nesta campanha enquadra-se num ano de contrassafra, sendo adicionalmente condicionada por fatores climáticos adversos.

Destacam-se temperaturas anormalmente elevadas durante a fase de vingamento, com impacto na taxa de fixação do fruto, bem como precipitação excessiva no período de maturação e colheita.

Não obstante estes condicionalismos, antecipa-se a produção de azeite com parâmetros qualitativos globalmente positivos. Registaram-se fundas médias superiores às da campanha anterior.

### **Algarve**

A produção foi superior, resultado de ser um ano de safra e de um ano abundante em precipitação, que permitiu ao olival (maioritariamente de sequeiro) beneficiar do enquadramento em termos edafo-climáticos.

Comparativamente ao ano anterior, houve um aumento para cerca de 420%.

## **5. Alimentação Pecuária**

As condições meteorológicas, nomeadamente a precipitação constante, não permitiram o aumento da área semeada de pastagens, nem de culturas forrageiras, iniciadas entre outubro/novembro.

Os prados, pastagens e culturas forrageiras, de forma generalizada, continuavam a apresentar um desenvolvimento vegetativo muito estagnado, sendo que a saturação do solo impediu a multiplicação célula e a impossibilidade de efetuar adubações, cuja aplicação só foi possível nos últimos dias do mês. Ainda assim, o fim do mês trouxe algum desenvolvimento vegetativo, quer nas sementeiras, quer nas pastagens espontâneas. Prevê-se uma diminuição da área semeada do azevém, aveia e consociações forrageiras, por comparação como ano passado.

A disponibilidade de matéria verde para alimentação animal, também continuou limitada devido ao alagamento excessivo dos solos, sendo predominantemente assegurada por silagens, fenos, e

complementados com rações industriais e alguns suplementos vitamínicos. Apenas, as pastagens de sequeiro e as pastagens pobres localizadas em zonas de encosta e solos bem drenados, apresentavam razoáveis condições para a prática do pastoreio direto ou para o corte de matéria verde.

## **6. Abeberamento Animal**

No mês de fevereiro, o abeberamento animal foi realizado sem qualquer restrição.

